É assim que eu vejo que vê, é assim que você me silencia. Subtextos para releitura(s) no Sul

Léa Tosold et Rose Barboza

Édition électronique

URL : <http://journals.openedition.org/eces/1544>

DOI : 10.4000/eces.1544

ISSN : 1647-0737

Éditeur

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Référence électronique

Léa Tosold e Rose Barboza, « É assim que eu vejo que vê, é assim que você me silencia. Subtextos para releitura(s) no Sul », *e-cadernos CES* [Online], 18 | 2012, posto online no dia 14 abril 2014, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1544>

É ASSIM QUE EU VEJO QUE VÊ, É ASSIM QUE VOCÊ ME SILENCIA. SUBTEXTOS PARA RELEITURA(S) NO SUL

LÉA TOSOLD

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

ROSE BARBOZA

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL

Vivi muitos anos em um país em que se falava uma língua que não era a minha. Com o passar tempo, quanto melhor falava o novo idioma, menos sentia dominá-lo. Vivi aterrorizada em ser percebida estrangeira e com o modo como as pessoas se sentiam inevitavelmente no direito de saber: “de onde você vem?”. Dia após outro ia entendendo mais e mais o subtexto dessa pergunta. “Preciso saber de onde você vem para saber como devo agir com você. Para saber o que posso esperar de você. Se vale realmente a pena conversar com você, escutar o que você tem a dizer”. Tudo isso antes mesmo de saber o meu nome. Até porque, assim que souber o local de onde venho, isso pouco importa.

Pois, muito bem, carx lectorx, assim que souber de onde venho, vai ser difícil não passar a ler este texto sob outra perspectiva. O que você sente e o grau de atenção ao que está escrito vão tender a se alterar de maneira radical. Talvez nem sequer tenha vontade de continuar lendo, pois já sentirá de antemão o que esperar de mim, como se conhecesse os limites do que eu posso lhe oferecer. Como se não houvesse nenhum espaço aqui para que você se surpreenda, para que você se questione, para que você aprenda. Tudo o que eu disser tenderá apenas a confirmar, com pesar, aquilo que você já sabia, desde sempre, a meu respeito. Sinto que você poderá se decepcionar comigo. E se, assim mesmo, decidir ir até o final do texto, essa decepção corre o risco de se transformar em uma estranha maneira de fazer você se sentir bem

consigo mesmxx. É assim que eu vejo que você me vê, é assim que você me silencia. Mas eu falo a sua língua, eu entendo o que você diz. Hoje sou eu – com meu sotaque – quem te convida: conheça o meu nome. Note o quanto sua própria língua poderia ser diferente. Ou então me silencie, mais uma vez, a cada palavra proferida.

“y nadie admitiría hoy, mucho menos en el feminismo, que la raza exprese condición natural para algún tipo esperado de conducta o cualidad específica.”

Yuderkys Espinosa Miñoso

SUBTEXTO 1: A NORMATIZAÇÃO

O dia ensolarado. Fora. Dentro o ambiente refletido nas palavras convulsas, escritas desordenadas sobre o quadro. Concentração. O regime tanatopolítico é um dos primeiros. A vagina exposta. Redesenhada. Revivida na medicina iniciadora dos séculos de opressão. O ventre-útero. O biopoder. A transformação. Hormônios. Testosterona. Tetas. Cintos de castidade. A mulher-troféu. A mulher-burguesa-branca-paridora-do-colonialismo sempre esquecida por Foucault, etc. A luz. A besta-fera no Sul do umbigo do mundo parindo trabalho. O negro é um lugar. Escravizadorxs. O regime farmacopornográfico dos nossos dias. O corpo destituído (de)mente. Panóptico adentro. Pílula contraceptiva. O corpo que não cabe em definições. O corpo sem o corpo. A somateca perene. Performativizando cenas para além da NOR-MA-TI-ZA-ÇÃO.

O intervalo. Uma roda para o cigarro, depois do café. Descontração. A teoria *queer* invadindo os poros de um velho Monastério. Ensaando alegorias funcionais (des)espacializadas. O espaço não é importante. Somos sudacas.¹ Várias também. Às vezes é importante chamar-se. Mulher. Sudaca. Brazuca. Bollera.² Sapatão.³ Fufa. Veado. Às vezes não. Quem nos chama? Como nos chamamos a nós? A subsunção permanente da produção epistemológica ao sul do Equador. A mulher vitimizada. A mulher escrava. A mulher salva, enfim, pelos euros dos organismos de cooperação internacional. Mas sem direitos. A fala deveria ser importante em certos espaços. Ou não? “Brasileira, *baila* samba” – a condenação. A roda se abre. Espera-se o passo-dança daquela que fala de pós-colonialismos. A sororidade-dialogante-dos-

¹ Termo depreciativo utilizado na Espanha com múltiplos significados, mas comumente empregado para referir-se às pessoas originárias da América Latina. Em alguns contextos, sudaca também pode ser utilizado como sinônimo de prostituta.

² Termo depreciativo utilizado na Espanha para referir-se às lésbicas. Nos últimos anos, entretanto, palavras depreciativas foram ressignificadas por diversos coletivos como atos de resistência.

³ Termo depreciativo utilizado no Brasil para referir-se às lésbicas.

estereótipos.⁴ A brasileira ri. O riso é uma forma de enfrentamento. Mostra o pulso. Lamenta-se. Diz que uma cirurgia europeia retirou o *chip* que todx brasileirx carrega desde nascer. Não dança mais. Na Europa. Pesquisadora-precária-hiper-brasileirizada-silenciada.

SUBTEXTO 2: O ANALFABETISMO IMPERIAL

O Sol no Hemisfério Norte é como um prêmio. Todos os dias de verão são como dádivas. Dizem que é difícil suportar a neve e os 50 graus negativos que vêm com ela. Toronto é uma cidade que pulsa. Cor *Chinatown*. Frutos exóticos. Roupas exóticas. Restaurantes exóticos. O mercado ininterrupto do exotismo coisificando a memória dos costumes. Em outros espaços, o artefato resiste à objetificação. A cultura no tempo. A música visceral. *Inuit*. A língua que se sente. Sem ouvido. O pré-linguajamento originando encontros. A língua que não se fala. O bastante para sustentar uma boa primeira impressão dos *States* multietnicizados. O ônibus que chega a Ottawa. Um mundo de mulheres. Uma marcha. Painéis, conferências, seminários, *workshops*. O aparato da indústria acadêmica profissionalizada. Não amadora dos projetos, mas de *status*. O *gender mainstream* abrindo a porta. Fechando incessantemente a porta. Ironizando o acesso à(s) porta(s). No último dia do encontro haverá uma festa, mas a estrutura do local não permite cadeirantes. *Sorry*. A organização do encontro pensou que ativistas feministas que usam cadeiras de rodas não queriam ir a festas. O imperialismo cotidiano das “pequenas” coisas. No painel, amanhece uma pequena angústia. Semialfabetizada na língua do império. Confundida. *I’m so sorry but*. Eu pensei que... vendo a cor da sua pele, eu te compreenderia melhor, *your accent*. A esteira das justificativas regionais. *Thank you, professor. I’m sorry but my English is not very good. OK. OK!* Por que então apresentar um trabalho aqui? E por que não? O silêncio cavando sulcos na sororidade chicana dos *States*. Sem um *Mac*, sem acesso aos artigos do projeto MUSE.⁵ Dividindo a bolsa de doutoramento para sobreviver com o parceiro. No Sul, de onde venho, isso se chama esforço. Mas o Norte de feminismos profissionalizados não contempla

⁴ “Lo que estoy intentado denunciar aquí es que si efectivamente existe una colonización discursiva de las mujeres del tercer mundo y sus luchas, eso no sólo ha sido una tarea de los feminismos hegemónicos del Norte sino que estos han contado indefectiblemente con la complicidad y el compromiso de los feminismos hegemónicos del Sur, dado sus propios intereses de clase, raza, sexualidad y género normativos, legitimación social y estatus quo” (Yuderkis Espiñosa Miñoso, “Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonias feministas en el espacio transnacional”, *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, 14(33), 37-54).

⁵ O projecto MUSE é uma enorme base de arquivos digitais. Através de suas páginas é possível ter acesso a quase todos os artigos escritos e publicados sobre feminismos, sexualidades e géneros no mundo. Da China ao Haiti. Da Espanha ao Malauí. Seus organizadores facilitam o acesso ao conhecimento por preços que variam entre 50 e 200 dólares americanos por artigo. Ver: *Today’s research. Tomorrow inspiration*, consultado a 05.03.2014 em <http://muse.jhu.edu/#2>.

recompensas. Nem reconhecimentos. *By the way*. A sessão de *native speakers*. Inglesas. Solidariedade com a pobreza urbana em Londres desde o *College*. Feministas em carreira falam muito de solidariedade. Uma mão. O pedido de uma mulher hebraica pela paz. Não somos todas *native speakers, please*, vocês poderiam falar mais devagar? O mesmo ritmo acelerado, uma e outra vez. *If you don't understand, please, leave the room*. Mas, e se eu estiver interessada? *We don't care*. A coragem. A experiência pessoal renovada de quem enfrenta batalhas materialmente mais complexas na faixa de Gaza. A forma como você expõe e vende seu conhecimento possui e encerra a mesma arrogância e superioridade com que o neoimperialismo de seu país trata o mundo. O silêncio na plateia desconfortável. A discussão postergada para os corredores neutros. Somos todxs cúmplices. Não há luta, invenção ou surpresa. A standardização da qualidade acadêmica. A escuta inócua. Os desencontros da língua falada mediada pelas credenciais. A geopolítica da produção de conhecimento escancarada. O lugar de privilégio apagado, deslocado. O conhecimento des-corporificado sobre xs Outrxs. Com outrxs, não. A língua. Silencia.

SUBTEXTO 3: A LUTA FEMINISTA ANTIPATRIARCAL

I don't talk with black people. A memória latejante. O ângulo raso da indiferença. A prática cotidiana dos microrracismos pontiagudos. A rua ampla. Você NÃO parece brasileira. Você parece brasileira. A loteria da coisificação. *Thinking through and against the skin*. *But with the skin, of course*. *And, And*. Põe a sua mão aqui. Ah, é quase da minha cor. A feminista antripatriarcalista. Anticapitalista. Anti. É necessário liberar a mulher da opressão. Da cor, não. A cor alimenta a engrenagem. São três e caminham rápido. Apreensivas. Junto delas um policial. HOMEM. Em plena luz do dia. Revista-as. Exige documentos de identificação. Estão na Espanha. Sumiu um anel. Estavam no supermercado. Isso não importa. São estrangeiras. Todas iguais: têm a pele escura. Isso sim, marcando indelevelmente toda a subjetivização. O ônibus chega. A partida é uma dolorosa constatação da própria pequenez. Caminha. Um encontro contra a violência machista. Há que responder. Contestar. Educar. Debater. A validação da teoria que age longe da prática. O machismo combatido para os brancos. Os microporos negros abertos. Em suspensão. Um relato. A história das três. O silêncio amplo. O constrangimento. A mudança do tom. Ali se debate violência machista contra cidadãos e cidadãs feministas, antipatriarcais, anticapitalistas de nacionalidade documentada e redigida no estado espanhol. Reforça-se. A violência é um problema mundial. O machismo também. O racismo? Atinge apenas xs Outrxs.

SUBTEXTO 4: A REALIDADE MATERIAL

A animalização das práticas ancestrais. A brutalidade bárbara das chegadas. A mulher VITIMIZANDO a outra-mulher-Outra. Sempre longe de. Sempre perdida entre desejos incestuosos de terras quentes. Pré-civilizacionais. Libido sem Édipo. Sem culpa-judaico-cristã. Libido e pronto. Vivida entre seres. O romantismo pré-burguês dinamitado. REDESCOBERTA. Invasão de aparatos legais e assépticos. A troica. Na Europa o início dos tempos. No Sul o desejo pagão catequizado. A follada⁶ catequizada. A violência que vem no kit-pobreza. Estruturante. Pobres que transam QUASE todos os dias. A receita de *cupcake* levada à Etiópia e adjacências. A Europa dividindo a Europa. Bons e maus pagadores. O Sul latejando nas práticas do Norte. À espreita. Trabalhadorxs lascivxs que transam não pagam o débito público. A porta para a África no Sul. A porta para a sublimação. A porta do recalque do Ocidente. O vudu no cume dos Pirineus. A nossa sorte é que existe a *Goldman Sachs* para sabermos que não pagamos as contas dos banqueiros porque somos preguiçosxs. E o Banco Mundial. A criminalização das práticas *slow*. O *fast* das coisas superficiais. O *gadget* que não funciona nas montanhas de *شاون/ شاف شاون*.⁷ O tempo sem história. O corpo biopolítico do flamenco. A folclorização forjando a unidade nacional com *Rioja*, *Rocío y paella*. ETA. A bomba que cospe o ventre. A cultura censurada na pronúncia. O corpo decadente da história na web 2.0. A velhice condenada. A juventude sem caminho de volta. Sem chegada. O trabalho que subsume o trabalho na ganância. A produtividade que não produz, mas cobra dividendos. Resistentes. Alguns poucxs fiadorxs do futuro. Todxs devedorxs.

SUBTEXTO 5: O SUL FORA DO SUL

O materialismo das relações de encontro posto fora. A relação mediada por isso e aquilo outro. Kapital. Escambo. Ouro e espelhos na balança comercial dos séculos e séculos e séculos. Conhecimento e expropriação epistemológica. O feminismo é uma luta contra todas as formas de opressão.⁸ Todas. Mas continua a condenar irremediavelmente o Sul ao lugar de privilégio epistémico.⁹ Privilégio da gestação de. O novo livro publicado às 18 horas da noite em Oxford, depois do chá, diz que todas as mulheres do Sul são vítimas de violência machista. Os homens do Sul são como

⁶ Termo coloquial em castelhano para relação sexual.

⁷ Chefchaouen em árabe. Cidade marroquina.

⁸ Definição da feminista afro-americana bell hooks em *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*: South End Press (Cambridge, 2000).

⁹ O conceito de *privilégio epistémico* obteve repercussão internacional quando foi utilizado por Chandra Mohanty em um texto que continua marcando a história do feminismo pós-colonial: *Under the Western Eyes* (publicado em espanhol: “Bajo los ojos del Occidente: academia feminista y discursos coloniales”, *Descolonizando el Feminismo: Teorías y prácticas desde los márgenes.*, Liliana Suárez Navaz e Rosalva Aída Hernández [orgs]; Ediciones Cátedra, Madrid: 2008).

animais que gozam com enormes pênis. O esperma invadindo o mundo casto da brancura de Colombo. Os pênis multiétnicos do mundo todo ejaculando no ânus do Norte. África. Homens e mulheres vítimas. O esquecimento sistemático das lutas. A vagina que ejacula. O ser humano sem agência fora da heteronormatividade ocidentalizante. O ser que não é humano fora da norma de conduta imposta por Pedro Alvarado. A redenção da rendição histórica. Obrigatória. Como se pode medir a Terra? E o tamanho dos HOMENS na terra? As mulheres da terra têm só um tamanho? Uma só cor? O HOMEM como medida para a mulher do Sul. Mulheres no vento Norte¹⁰ mesmo no centro do Sul. As mulheres do Sul, que conhecemos, canibalizaram o HOMEM com a ajuda das bruxas-mestras. As mulheres do Sul desfizeram-se do HOMEM, da MULHER e de outras etiquetas e agora são mais leves. Indefiníveis. Inclassificáveis, por assim dizer. Colocaram sua cria às costas e agora abrem caminhos. Não aceitaram, que fique bem claro, desde o passado, que lhe impusessem escolhas entre o Bem e o Mal. Criaram, criam e criarão. Vivem para além da reprodução de verdades estéreis. Realidades concretas. Levantam-se cedo, mesmo quando ter pão é um luxo na mesa. Não pedem permissão. Nem com licença. São as vozes de si próprias. Continuarão. São agora, sem manuais de existência. Saúdam o linguajamento, o prazer, o batom vermelho, a libido pré-castração. São *Drag Kings* de nossos tempos. Constelações. Avançam. Sempre.

LÉA TOSOLD

Não é, está sendo. Amante das letras, das pessoas, do mundo. Um pouco de tudo por profissão e por paixão: filósofa, ativista, filóloga, epistemóloga, feminista, cientista social e política, redatora... Ama a poesia, o teatro, o confronto com a diversidade do mundo. Já morou na Áustria e na Inglaterra, rodou muito pelo mundo afora e vive hoje - quem diria! - em sua cidade natal, São Paulo, onde atua junto ao movimento da população em situação de rua e faz um doutorado sobre políticas de diferença, a partir da teoria feminista contemporânea, pela Universidade de São Paulo.

Contato: leatosold@gmail.com

¹⁰ "Así, la colonialidad de las prácticas discursivas de los feminismos hegemónicos en el tercer mundo, o en América Latina al menos, no se restringiría solamente a una reproducción de las estrategias de constitución de las Otras del feminismo del continente: mujeres afrodescendientes, indígenas, lesbianas, obreras, trabajadoras del sexo, campesinas, pobres; los efectos de la colonización discursiva de los feminismos occidentales implicaría una colonialidad intrínseca a los discursos producidos por los feminismos latinoamericanos de modo tal que ésta deja de ser sólo atributo de los feminismos del primer mundo, y en nuestras tierras tiene al menos otras dos consecuencias: la definición, en contubernio y franca dependencia de los feminismos hegemónicos del Norte imperial, de los lineamientos y ejes de preocupación y actuación del feminismo local; y, la fagocitación de las subalternas habitantes de estas tierras a través de su (buena) representación por parte de las mujeres de las elites nacionales y los grupos hegemónicos feministas", Yuderkis Espiñosa Miñoso, "Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional", *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, 14(33), 37-54.

ROSE BARBOZA

Nasceu na periferia da cidade de São Paulo no Brasil. Militante feminista e apoiadora de lutas por justiça social, há mais de dez anos coopera com a organização política e o protagonismo das pessoas que vivem em situação de rua. Psicóloga por formação e escritora por teimosia se aventura como poeta e contista. Além disso, escreve ensaios, artigos e afins e os publica, periodicamente, no jornal *O Trecheiro: notícias do povo da rua* no Brasil. Atualmente frequenta um doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, onde trabalha sobretudo as relações entre violência, afetos e as rupturas epistêmicas proporcionadas pelas práticas feministas.

Contato: rosebs@ces.uc.pt